

Antônio Bezerra

JUAREZ LEITÃO



Coleção Pajeú

As cidades são construídas de histórias, memórias e mistérios, feitas de um estuário de afetos, retóricas, discordâncias, interesses, apegos, datas e festas.

Grandes celebrações. São as pessoas, com seus sólidos perfis, que constroem e desmancham as cidades todos os dias.

A Coleção Pajeú, publicada por meio da Secretaria da Cultura do Município de Fortaleza, é uma proposta editorial, permeada por consciência histórica e cidadã, que pretende reafirmar o patrimônio material e imaterial dos bairros da nossa cidade.

Esta quarta etapa contempla os livros sobre os bairros de Antônio Bezerra, Bairro de Fátima, Carlito Pamplona, Conjunto Ceará, Jangurussu, Jardim das Oliveiras, Mondubim e Papicu.

• • •

Foto da capa: Avenida Mister Hull, antiga estrada do Soure (atual Caucaia).

Foto da contracapa: Vista parcial do Terminal de Integração do Antônio Bezerra.



*Estação Ferroviária
do Barro Vermelho,
antiga denominação
de Antônio Bezerra.*

VERMELHO



Antônio Bezerra

Obra realizada com o patrocínio da Prefeitura Municipal de Fortaleza,
por meio da Secretaria de Cultura de Fortaleza – Secultfor.

Prefeito de Fortaleza
José Sarto Nogueira Moreira

Vice-Prefeito de Fortaleza

José Élcio Batista

SER III – Secretaria da Regional III

**Pedro França Pinto
Mota Alexandrino**

SECULTFOR

Secretário

Elpídio Nogueira Moreira

Secretária Executiva

Leiliane Batista Vasconcelos

Chefe de Gabinete

Pedro Ivo Mitoso Júnior

Assessor Jurídico

Thiala Cássia

Bezerra Cavalcante

Assessora de Comunicação

Juliana Barros Bomfim

Assessora de Planejamento

Eliane da Luz Silva

Coordenadora

Administrativo Financeira

Ana Cláudia Mourão Mota

Coordenador de Patrimônio
Histórico-Cultural

Diego Fernandes Zaranza

Coordenador de Ações Culturais

Luís Lima Costa

Coordenador de Criação e Fomento

**José Emmanuel
Abrante Nogueira**

Gerente de T.I

**Carlos Alberto
Bertoldo Carvalho**

Assessora da Vila das Artes

Mileide Flores

Diretora do Teatro
Municipal São José

**Karla Karenina
Sales Fernandes**

Diretor do Centro Cultural Belchior

Geraldo Ponce Filho

Diretor da Biblioteca Pública
Municipal Dolor Barreira

Eduardo da Silva Pereira

Diretora da Biblioteca Pública
Infantil Herbênia Gurgel

Lysannia de Sousa Lima

Patrocínio



Fortaleza
PREFEITURA

Cultura

Juarez Leitão

Antônio Bezerra



Coleção Pajeú

Este livro não pode ser reproduzido no todo ou em partes,
sob qualquer forma, sem autorização do editor.

Idealização e Concepção Gylmar Chaves	Imagens de Arquivo Arquivo Nirez
Coordenação Geral Terra da Luz Editorial/ Patricia Veloso	Diagramação Majoî Ainá Vogel Wend Castelo
Texto Juarez Leitão	Produção Editorial Bruna Lopes
Revisão Rochelle Sales	Assessoria Técnica Graça Martins Ingrid Monteiro Ruben Oliveira
Foto de Capa Jarbas Oliveira	
Foto de Contracapa Gentil Barreira	

L533a Leitão, Juarez.
Antônio Bezerra / Juarez Leitão. — 1ª ed. —
Fortaleza : Terra da Luz Editorial, 2023.

72 p. : 11,5 x 16 cm.

(Coleção Pajéú)

ISBN 978-65-86517-31-6

1. Bairros - aspectos sociais. 2. Antônio

Bezerra - usos e costumes I. Título.

CDD 918.1310

Sumário

Apresentação • 7

Introito • 11

Origens • 13

Passos do progresso • 19

Quando os clubes eram atrativos • 25

Os patronos do bairro, praças, ruas e avenidas • 33

Os sonhos e fantasias de um grupo de adolescentes • 41

Lideranças políticas • 51

Jornalismo, história e literatura • 57

Epílogo • 63

Cronologia • 65

Referências • 69

Apresentação

A Coleção Pajeú expressa a história dos bairros de Fortaleza na dimensão simultânea de passado – presente – futuro.

As pessoas, compreendidas como agentes, autores e autoras do que é coletivamente vivido e projetado para além dos limites físicos, são protagonistas de seus espaços urbanos e perfis do cotidiano: lugares de afetos e memórias, singularidades e pluralidades, percorridos por meio da oralidade, de referências bibliográficas, de datas e festas.

A Secultfor, ao apoiar esta iniciativa, reafirma traços e belezas de nossa terra e de nossa gente.

Parabéns, Fortaleza!

Dr. Elpídio Nogueira Moreira

Secretário da Cultura do Município de Fortaleza

*Dedico estes relatos
à memória de meu irmão
GERARDO FERNANDES LEITÃO,
morador da Rua Anário Braga.*

INTROITO

No final dos anos 60 do século passado, morei no bairro de Antônio Bezerra.

Meu irmão Gerardo Leitão alugara uma casa, na Rua Anário Braga, e ali morava com sua esposa Valdira e seus filhos João Neto e Nádia Maria.

Funcionário do DAER (Departamento de Estradas e Rodagens), meu irmão, por conta de seu ofício de topógrafo, se ausentava muito de casa, demarcando rodovias pelo interior do Ceará. Então me pediu para morar com ele e fazer companhia a sua família.

Eu, recém-saído do seminário da Prainha e morando em república de estudantes, mudei-me de armas e bagagem para o Antônio Bezerra, que, naquele tempo, já era um próspero reduto demográfico, à entrada de Fortaleza, dotado de avenidas e ruas bem-traçadas.

Confesso que não tive muito entrosamento com os acontecimentos e pessoas do bairro, pois, preparando-me

para o vestibular, vivia em meu quarto com a cara enterrada nos livros e sem tempo algum para bater pernas pelas praças ou festas da cidade.

Demoramos por ali uns dois anos e fomos morar em outro bairro.

Muito tempo depois, precisamente em 2015, fui escolhido pelo empresário Deusmar Queirós (fundador da rede de Farmácias Pague Menos) para escrever sua biografia. E, ao iniciar as pesquisas, constatei logo que o meu biografado vivera sua infância e adolescência em Antônio Bezerra, palco fascinante de seus primeiros exercícios de liderança e descoberta do trabalho (ajudando na mercearia de seu pai) como elemento fundamental de sua vocação empresarial e humana.

Nesta pesquisa sobre a infância e juventude de Deusmar Queirós, deparei-me com a história do bairro, suas origens, seus personagens e seus acontecimentos marcantes.

Agora estou aqui, novamente percorrendo as vertentes e os caminhos da memória do antigo Barro Vermelho no afã de produzir este pequeno livro para a Coleção Pajeú, um trabalho que me dá muito prazer, como acontece sempre quando junto os pedaços da saga de uma sociedade que, na diversidade de seu desempenho vital, no pequeno ladrilho que cabe a cada um, ajuda a construir o grande edifício da civilização.

ORIGENS

O bairro de Antônio Bezerra, antigo Barro Vermelho, situa-se ao oeste do Centro de Fortaleza, abrangendo uma área de mais de 2.338 km² habitada, hoje, por cerca de 29.000 pessoas. Na divisão administrativa municipal de Fortaleza, pertence à Secretaria Regional III.

Os limites atuais de Antônio Bezerra estão assim determinados:

- Ao norte: Quintino Cunha.
- Ao sul: Dom Lustosa, Autran Nunes e Genibaú.
- Ao leste: Padre Andrade e Pici.
- Ao oeste: Parque Tabapuá (Caucaia).

A área que hoje compreende Antônio Bezerra foi sendo ocupada, desde os fins do século XVIII, por sítios e ranchos. Tropeiros e tangerinos, que demandavam da região Norte da Província, costumavam se arrancar em

baixo de árvores e em latadas construídas à beira do caminho antes de ingressar em Fortaleza.

Esse descanso fazia parte do ritual de melhor aproveitamento de seus negócios, principalmente quando conduziam boiadas por longas distâncias e as queriam exibir sossegadas e saciadas de água, após quatro ou cinco dias de curral, na feira da Vila do Forte. Havia ali fontes e lagoas, o que era muito providente para os objetivos dos feirantes e tangedores de rebanhos.

Essa postura de encharcar o gado de água para pesar mais foi glosada pelo cantador Zeca Medeiros, quando, numa cantoria, dirigiu-se ao seu contendor, Antônio Boiadeiro, que, como o nome sugeria, além da poesia, dedicava-se também à função de tangerino:

*Você devia acabar / era com essa lambança / de
conduzir gado magro / e quando está na chegada
/ usando de artes velhacas / encharca a pança
das vacas / pra pesar mais na balança.*

Os fazendeiros e boiadeiros foram, paulatinamente, construindo casas e cercando os espaços para abrigar gados e vaqueiros numa ocupação certamente de grilagem, como de costume ocorria naqueles ásperos tempos da lei do mais forte ou de maior audácia.

As terras eram vermelhas e quanto mais pisoteadas e palmilhadas por rezes e pessoas, mais intensa afluía a coloração, vinda das camadas balsáticas do subsolo

infestado de magnetita. Por isso o lugar passou a ser chamado de Barro Vermelho.

Barro Vermelho era a passagem natural para o sertão e o primeiro núcleo urbano a que dava acesso era a Vila Nova e Real do Soure, atual cidade de Caucaia.

Ainda no século XIX, os fortalezenses ricos construíam chácaras para os retiros de fim de semana e moradia, algumas com belas e alpendradas casas. Dessas chácaras do tempo antigo, a única que escapou da voracidade do progresso foi a Chácara Salubre, erigida em 1802 e pertencente à família do escritor Antônio Bezerra de Menezes, o mesmo que dá nome ao bairro.

Numa área de 400 metros quadrados, a casa de paredes grossas e telhas grandes armadas sobre ripas e caibros de carnaúba tem seis cômodos e um quintal com árvores frutíferas. Nela morava a nonagenária Juracy da Silva Gomes que, sentada em sua cadeira de balanço, costumava contar histórias do bairro e do desenvolvimento de que foi testemunha ocular.

Em matéria publicada pelo jornal *O POVO*, na edição de 14 de janeiro de 2013, pode ser lido:

O tempo passa de maneira diferente na Chácara Salubre, mais lento, e o frescor da brisa na varanda nem de longe lembra a calorenta Fortaleza.

Proprietária do imóvel, a professora Juraci da Silva Gomes é uma das mais antigas pessoas que habitam o bairro. Lecionou por mais de 30 anos na Escola Joaquim Nogueira. Conhecida e respeitada por formar gerações de alunos, confidencia que já enterrou alguns deles: Muitos já se foram e eu fiquei!

A chácara foi adquirida da família Bezerra de Menezes pela mãe dela, Alexandrina de Souza e Silva, em 1917. Naquela época, só havia uma estreita e poeirenta estradinha de terra que ligava Fortaleza ao Soure (Caucaia). O bonde só passava duas vezes por dia e, para pegá-lo, era preciso caminhar até onde, hoje, é o início da Avenida Bezerra de Menezes.

Próximo, só existiam três outras residências. O resto era só vegetação nativa. Tinha até onça. Depois é que foram surgindo, ao longo daquela estrada carroçal algumas bodeguinhas – como informa o motorista José Levi.

A professora Francisca Pereira comenta que a chácara tinha um cacimbão que abastecia todo o mundo. Dona Juraci diz que o poço ainda hoje existe e nunca secou.

O terreno da chácara era bem maior, mas, aos poucos, lotes foram sendo vendidos para a construção de moradias. A proprietária tem recebido ofertas pelo próprio casarão, mas resiste, pois, garante, os laços afetivos não podem ter um valor financeiro: Aqui eu me criei e criei os meus filhos. – Conclui.

Os núcleos urbanos cumprem seus ciclos de desenvolvimento paulatinamente. Surgem em torno de um acidente geográfico, um rio, um riacho ou uma lagoa, um vale mais fértil, um clima favorável. Também por alguma ação missionária ou uma circunstância especial. O aldeamento do que hoje é conhecido como o bairro de Antônio Bezerra reuniu uma série de fatores que justificaram sua existência. Havia água e a sombra de copadas árvores, atrativo natural para os tangedores de boiadas antes da entrada para a feira de Fortaleza. Pioneiros instalaram sítios e chácaras para moradia ou lazer. Um deles, Theóphilo Rufino Bezerra de Menezes, construiu uma capela em sua chácara, semente cristã da futura paróquia.

O resto o tempo fez, operário que é da história e da civilização.

PASSOS DO PROGRESSO

Com o passar dos anos, o que no início fora um arranchamento passageiro de boiadeiros, foi se estabilizando como moradia definitiva.

O arraial conhecido como Barro Vermelho já reunia algumas chácaras e dezenas de casas de taipa, habitações humildes toscamente construídas, muitas delas cobertas de sapé ou palha de carnaúba. Ainda não havia propriamente um ordenamento urbano, pois a única rua assim considerada era a estrada do Soure, que viria a ser hoje a conhecida Avenida Mister Hull.

Nos primórdios do século XX, Barro Vermelho começou a aumentar sua população com a chegada de flagelados das secas expulsos de suas terras pelas necessidades extremas e, quem sabe, seduzidos por histórias de que poderiam conseguir emprego em Fortaleza. Vinham em levas e paravam nas cercanias das duas entradas da cidade, ingressando pelo sudeste (Messejana) e pelo oeste (Barro Vermelho).

Ainda no primeiro quartel do século XX, o povoamento se tornou expressivo ao ponto de receber o reconhecimento público. Primeiro, quando saiu da circunscrição de Parangaba (comarca autônoma naquele tempo), em 1921, para integrar a de Fortaleza, e, na década seguinte, em 1937, através do prefeito Raimundo de Alencar Araripe, se elevando à condição de Distrito, pela Lei nº 79, de 28 de setembro daquele ano, e ganhando o nome de Antônio Bezerra. A nova denominação demoraria muito tempo para ser assimilada pelos habitantes.

O primeiro marco de desenvolvimento de Barro Vermelho foi a construção da Estação Ferroviária, em 1917. Quando os trilhos da Rede Viação Cearense passaram por ali rumo à Sobral, Camocim e Crateús, o progresso, de fato, se iniciou.

No ano seguinte, o padre Rodolfo Ferreira da Cunha, vigário de Parangaba, concluía a construção de um templo, nas proximidades da antiga capela erguida pelo Dr. Theóphilo Rufino Bezerra de Menezes em sua propriedade, em homenagem à Sagrada Família. Preservando o mesmo orago, que já estava arraigado na devoção do povo, a nova igreja foi dedicada a Jesus, Maria, José, a Sagrada Família.

A capelinha do Dr. Rufino mantivera um caráter privado até 1915, quando passou a ser frequentada por outros habitantes e a receber a visita do padre Rodolfo com maior assiduidade. Foi, então, criada uma comissão

para arrecadar recursos para a construção de uma outra capela, de alvenaria, mais ampla e mais sólida, que comportasse um número maior de fiéis, pois era notório o crescimento da população. Em 1918, a construção estava pronta e deu-se a solene inauguração, com missa e novenário. Dom Manuel da Silva Gomes, o bispo diocesano, iria comparecer, mas, por motivo de doença, não o fez.

Muitos anos depois, esse segundo templo deu lugar à igreja definitiva dos dias atuais, que também já sofreu ampliações.

Em 1925, foi instalada no bairro uma unidade de formação e treinamento da Força Pública Estadual: o Esquadrão da Cavalaria e Escola Edgar Facó.

Este ano de 1925 lembra também a fundação do primeiro time de futebol, o Rio Branco Esporte Clube.

A evolução urbana exigia, a cada dia, novos equipamentos, e eles foram sendo implantados:

O Correio, em 1932. O Cemitério, em 1935. A Luz elétrica, em 1937. A Escola Apostólica São Vicente de Paulo, em 1942. O Mercado Público, em 1955.

A educação, naqueles recuados tempos, era extremamente precária.

Os proprietários dos sítios e chácaras que formavam o povoamento inicial contratavam os mestres-escolas para alfabetizar os filhos. Eram professores

ambulantes que se demoravam cerca de seis meses em cada propriedade. Ensinavam o ABC, a tabuada e os cânticos patrióticos, como o Hino Nacional, o Hino da Independência e o Hino à Bandeira. Depois, surgiram algumas professoras, que estabeleciam uma escolinha em suas próprias casas, como uma certa dona Zezinha, da família Bezerra de Menezes, referida na memória antiga do Barro Vermelho. Uma escola já constituída no modelo moderno foi o Educandário Santa Helena, na Rua Hugo Victor, fundada pela professora Helena Araújo Batista, a famosa “Tia Helena” de tantos saudosos alunos, que hoje, senhores grisalhos, relembram-na com muita afeição.

Um colégio tradicional de Fortaleza é disputado pelos bairros São Gerardo e Antônio Bezerra. Trata-se do Colégio Santa Isabel, instalado no início da Avenida Bezerra de Menezes e fundado em 1937 pela freira Isabel Daniel, da Congregação de São Vicente de Paulo.

Atualmente conta com 1.500 alunos e oferece turmas que vão da Educação Infantil ao Ensino Médio.

Já nos anos 60/70 do século passado, funcionava, com os cursos Primário e Ginásial, o Grupo Escolar de Antônio Bezerra, um modelar estabelecimento de ensino, atualmente sob a responsabilidade do Governo Estadual.

Uma referência bem popular de progresso em qualquer povoamento é a feira. Nos tempos remotos, as

feiras nasciam na encruzilhada das estradas, onde geralmente os tangerinos acampavam.

A feira do antigo Barro Vermelho começou a se formar ao lado da chácara do Dr. Rufino de Menezes, bem defronte à capelinha por ele construída, onde os sitiantes oriundos do Soure (Caucaia) e de outras propriedades daquelas redondezas vinham comercializar seus produtos: milho, feijão, farinha, capotes, galinhas, cestos e esteiras de palha de carnaúba e utensílios de cerâmica.

Muitos anos depois, já extremamente movimentada, continuava ao lado da Igreja Matriz, substituta evoluída da capela primitiva. No entanto, o vigário, alegando alarido na hora da missa e a sujeira que produzia, começou uma campanha pela retirada da feira daquele local.

Segundo o historiador local Valentim Santos,

em 1959, os comerciantes Maria Eulina Vaz, José Gerardo e Gerônimo Bezerra acharam um novo ponto para a feira, montando suas barracas no largo existente entre a rua Dr. Vale Costa e a Avenida Mister Hull. Nessa época a feira alcançou grande expansão e, como não havia supermercados, toda a população ali se fornecia dos produtos necessários aos lares, como cereais, verduras, frutas e carnes.

Em 1962, um salto de progresso: a fundação da CIONE (Companhia Industrial de Óleos do Nordeste), empresa produtora, processadora, beneficiadora e exportadora de castanha de caju.

A iniciativa partiu do espírito empreendedor de um antigo caminhoneiro chamado Jaime Tomaz de Aquino. Até aquele tempo, a única empresa que atuava no beneficiamento de amêndoas de caju no Ceará era a Brasil Oiticica, também ocupada com a produção de óleo de mamona e oiticica.

Jaime Aquino começou modesto, utilizando apenas a castanha e atendendo a um restrito grupo de clientes de confeitarias, padarias e sorveterias, na Avenida Mister Hull, 4261.

Em pouco tempo, porém, o negócio se desenvolveu. A empresa foi descoberta pelo mercado e tornou-se fornecedora de fábricas de chocolates em todo o país, atingindo, em seguida, amplitude internacional.

Com a prosperidade acontecendo, Aquino foi investindo cada vez mais em equipamento de qualidade e modernização de seu processo produtivo, alcançando a condição de maior empresa exportadora de caju do país.

A CIONE, ainda em seu primeiro decênio, decidiu pelo aproveitamento máximo do cajueiro, usando, além da castanha, o caule como combustível das caldeiras e a baga do caju em doces, sucos e outros produtos típicos da alimentação nordestina. E chegou ao máximo de produzir a carne do caju, que, a exemplo do que se faz com a soja, pode substituir a carne animal em vasta variedade de consumo.

Por costume arraigado e tradição, em muitos documentos, inclusive cartoriais, as pessoas, mesmo Antônio Bezerra sendo a denominação oficial desde 1937, grafavam o nome do bairro como Barro Vermelho. Mas, em 1965, um memorando, expedido pela 10ª Região Militar, proibiu terminantemente que a antiga denominação constasse em qualquer documento oficial ou particular. A determinação tinha razões político-ideológicas.

O Regime Militar, implantado no Brasil em 1964, não via com bons olhos um espaço importante de uma grande cidade brasileira com a mesma denominação de um bairro de operários de São Petersburgo, na antiga União Soviética. O anticomunismo naquele período de nossa história chegava a extremos e, em nome dele, cometia atitudes espantosas. Barro Vermelho era nome de um reduto comunista e não poderia continuar a ser usado por aqui.

QUANDO OS CLUBES ERAM ATRATIVOS

Houve um tempo em que a sociedade se reunia para se divertir nos clubes sociais. Tempo em que as famílias exerciam a boa convivência nas festas de fim de semana, nos convescotes de amenidades e nas atividades esportivas. E o recanto para praticar essas atividades de entrosamento social, prática esportiva e diversão eram os clubes.

Fortaleza, a partir da segunda metade do século XIX, passou a valorizar intensamente as reuniões fora de casa. Surgiram os teatros, onde ocorriam apresentações de peças trágicas e cômicas, muitas delas produzidas inteiramente por autores e atores locais, com grande sucesso.

Mas eram os bailes que forneciam os melhores momentos de lazer e animação.

O primeiro clube de referência marcante que a história de Fortaleza registra surgiu em 1867. Era o Clube Cearense, que prevaleceu durante muitos anos como uma agremiação de elegantes da cidade.

Depois, em 1884, apareceu o Clube Iracema, de grande durabilidade, pois adentrou o século XX com preferência predominante.

A partir dos anos 30 e até os anos 70 do século passado, vários clubes fizeram história em Fortaleza, principalmente nas regiões consideradas mais distintas da sociedade, como Aldeota, Meireles e Praia de Iracema.

Nesse tempo predominaram várias agremiações, talvez umas quinze, incluindo os clubes de colônias interiores como o Centro Massapeense, na Praia de Iracema, de brilhante e saudosa memória.

Hoje, os apelos de divertimento são outros e o prestígio dos clubes sociais foi paulatinamente esmorecendo, pois os jovens e as famílias preferem frequentar os shoppings e as barracas de praia, por exemplo.

Isso explica o fechamento de quase todos os clubes dos bairros nobres e dos subúrbios da cidade, tais como o Clube dos Diários, que funcionou na Avenida da Abolição e atualmente está instalado no bairro Dunas; o Clube Líbano Brasileiro, na Aldeota; o Sport Club Maguari, no Bairro de Fátima; e o Regatas Barra do Ceará, localizado no bairro de mesmo nome. Resistem ainda heroicamente o Ideal Clube e o Clube do Náutico Atlético Cearense, ambos no Meireles; o Iate Clube Fortaleza, no Cais do Porto; o BNB Clube, na Avenida

Santos Dumont; e o Círculo Militar de Fortaleza, na Aldeota. Os outros morreram.

Naquele tempo, no auge dos clubes sociais, os habitantes das periferias, por se sentirem discriminados nos grandes clubes, fundaram suas próprias agremiações socioesportivas nas comunidades suburbanas, algumas de grande sucesso.

Assim é que surgiram o Antônio Bezerra, na Avenida Mister Hull; o Santa Cruz, na Rua Padre Mororó; o General Sampaio, no Benfica; o Ícaro, na Visconde do Rio Branco; o Jabaquara, na Carapinima; o SECAI (Sociedade Esportiva Cultural Arco-Íris), no Pirambu; o Terra-e-Mar, no Mucuripe; o Romeu Martins, no Montese; o Tiradentes, no Parque Araxá; o Vila União Atlético Clube, na Vila União; o Internacional, na Rua Padre Anchieta; o Asa, na BR-116, em frente ao muro da Base Aérea; o Pasteur, na Avenida Pasteur; o Núcleo dos Ferroviários, na Avenida Francisco Sá, e outros mais.

Havia situações pitorescas: quando o baronato da cidade fundou o Clube Caça e Pesca, na Praia do Futuro, os moradores do Jardim América resolveram cloná-lo, criando o Clube Tiro e Linha. Esse pequeno clube da Rua João Sorongo, no Jardim América, era muito frequentado, inclusive pelos bacanas dos bairros elegantes.

No bairro de Antônio Bezerra também se dançava e se divertia muito.

Os primeiros relatos de reuniões dançantes datam de 1925. Nesse tempo, as festas aconteciam debaixo de frondosas mangueiras, num terreno que formava um grande quadrado. Quando ia haver festa, batia-se o barro e se aguava o espaço para não levantar poeira.

Também se dançava muito nas casas de família, a partir do surgimento das vitrolas, radiolas e toca-discos, em festinhas denominadas tertúlias.

Um clube chamado Rio Branco, que começou em 1925 como um time de futebol e se tornou um lugar aprazível, onde as pessoas se reuniam em aniversários, datas cívicas e festas de fim de ano, funcionava como um atrativo para a juventude e é a mais longeva agremiação socioesportiva do bairro. Em 1950 foi construído o estádio do Rio Branco, que foi ampliado em 1978. O Rio Branco funcionava em dois locais. No estádio, se jogava futebol. Mas havia a sede, onde se dançavam quadrilhas de São João e se promoviam festas de carnaval. Hoje, no espaço festivo, funciona um projeto social, coordenado pelo professor Leandro Marques, com o ensino de várias modalidades de artes marciais.

Na memória do bairro, o nome de Maria do Abílio aparece como uma animadora do time e promotora de festas.

O estádio foi melhorado em 2011, quando recebeu as cadeiras vermelhas do Presidente Vargas, que naquela data havia sido reformado. Hoje, o antigo campo do Rio Branco, depois de ser incluído no programa de disseminação

de campos de futebol para os jovens das periferias, sedia o maior Areninha do estado, inaugurado em 2019.

O mais famoso clube social de Antônio Bezerra foi o Menfis Clube, fundado em 1965.

O terreno para a construção do clube foi cedido pelo senhor Francisco Barbosa Pinheiro, conhecido como seu Fanca.

Seu Fanca foi uma das figuras mais populares do bairro. Comerciante bem-sucedido, começou de baixo, com uma pequena mercearia que fornecia de um tudo, principalmente o querosene, que alimentava as lamparinas num tempo de luz elétrica rara e falha. A sua era uma legítima casa de secos e molhados, vendendo fiado com anotações na caderneta para uma vasta freguesia, todos vizinhos, amigos e conhecidos.

Com acuidade e vocação para os negócios, seu Fanca evoluiu economicamente e, para as proporções do bairro, tornou-se um homem rico, proprietário de vilas de casas, que lhe rendiam um bom dinheiro de aluguéis.

O prestígio da família Pinheiro foi testado com eficácia na eleição de João Pinheiro, que conquistou dois mandatos de vereador para a Câmara Municipal de Fortaleza.

Outro filho de seu Fanca, Ivo Pinheiro, foi o grande articulador da fundação e sustentação do Menfis Clube, que durou cerca de 20 anos.

Este clube foi um dos mais importantes clubes suburbanos de Fortaleza, tanto pelos concursos de beleza como pelas grandes festas que promovia. Em muitos depoimentos colhidos por mim para este relato histórico, ouvi de antigos frequentadores do Memphis Clube elogios aos eventos que ali eram promovidos e como alguns começaram a namorar suas futuras esposas nas domingueiras do clube.

Entretanto, teve que fechar suas portas quando a violência tomou conta de todos os espaços da capital, desde o centro e bairros nobres até os distritos e subúrbios.

As famílias, vendo e ouvindo histórias de invasões e assaltos a toda e qualquer reunião, começaram a temer por sua segurança e passaram a levar seus filhos para recantos menos perigosos, como shoppings e condomínios murados.

Outros clubes surgiram em Antônio Bezerra, como o Kelps Clube, o GRAB (Grêmio Recreativo de Antônio Bezerra), a Turma do Mará e outras tentativas de agrupamentos sociais para divertimento e conagraçamento, mas nunca mais se conseguiu a animação e as alegrias de outrora.

Entre eles, porém, ainda há sobreviventes, como o GRAB, que tenta resistir, mas hoje funciona atendendo apenas a eventualidades esporádicas.

Os tempos são outros.

OS PATRONOS DO BAIRRO, PRAÇAS, RUAS E AVENIDAS

Antônio Bezerra de Menezes, que dá nome ao bairro, nasceu em Quixeramobim, em 1841, e faleceu em Fortaleza, em 1921.

Foi um brilhante historiador, naturalista e poeta. Destacado abolicionista, participou ativamente do movimento pioneiro pelo fim da escravidão no Ceará.

Jornalista militante, participou da fundação e das atividades de dois importantes jornais de seu tempo: *O Ceará* e *O Libertador*.

Maçom, pertencia à Loja Fraternidade Cearense.

Fundador do Instituto do Ceará e membro da Academia Cearense de Letras, em que hoje patroneia a Cadeira 4, escreveu obras marcantes para a literatura cearense, como *Notas de viagem*, o mais precioso estudo sobre os municípios, vilas e povoações do Ceará.

Por ter mentalidade vanguardista e revolucionária, ideias fulgurantes e criativas, Antônio Bezerra de Menezes ganhou o cognome de Cabeça de Fogão.

Já a avenida, que também é denominada de Bezerra de Menezes, homenageia um outro membro da família do patrono do bairro. Trata-se do Dr. Theóphilo Rufino Bezerra de Menezes, um dos habitantes pioneiros deste espaço da cidade. Nasceu no antigo Riacho do Sangue, hoje a cidade de Jaguaratama, em 1818. Foi advogado e professor do Liceu do Ceará. Construiu, em sua propriedade do Barro Vermelho, a primeira capela, de taipa, dedicada a Jesus, Maria e José. Essa capela foi, como vimos, depois reerguida em alvenaria e, numa outra reconstrução, deu origem à igreja-matriz da atual paróquia.

Dr. Rufino faleceu no Barro Vermelho, em 1906.

Os Bezerra de Menezes receberam mais uma homenagem. Trata-se da Praça da Matriz, cuja denominação oficial é Praça Professor Serrano Bezerra de Menezes. Foi criada na gestão do prefeito Paulo Cabral de Araújo, pela Lei nº 252, do ano de 1951.

Randolfo Serrano Bezerra de Menezes nasceu em Maranguape, em 1889. Filho do escritor Antônio Bezerra, por ter nascido na Serra de Maranguape era, desde a infância, apelidado de Serrano. O apelido foi incorporado ao seu nome, inclusive com registro posterior em cartório.

Ainda jovem, foi nomeado Prefeito de Parangaba, quando esse distrito de Fortaleza ainda era município independente.

Homem de grande cultura, falava fluentemente o inglês e o francês. Possuía uma grande biblioteca, tinha abrangentes conhecimentos e cultura geral reconhecida. Militou no jornalismo e foi professor de português, geografia, história e ciências naturais.

Muito religioso, tornou-se um ardoroso devoto de São Vicente de Paulo, fundando Conferências Vicentinas em vários municípios do Ceará.

Faleceu em 1959.

Nos anos 50 do século passado, Barro Vermelho estava completamente incorporado à Fortaleza. A velha estrada do gado era agora a Avenida Mister Hull, uma homenagem ao engenheiro inglês Francis Reginald Hull (1872-1951), que trabalhara no projeto e execução da Estrada de Ferro Fortaleza-Baturité e fizera importantes estudos sobre as secas do Nordeste.

A praça, formada pelo quadrado das ruas São Vicente, Padre Perdigão, Tomaz Rodrigues e Profa. Raimunda Adélia, tem a denominação de Praça Padre Josefino Cabral. Foi criada na gestão do prefeito Cordeiro Neto, em 1960.

O homenageado, Padre Cabral, nasceu em Minas Gerais, em 1895.

Ordenado sacerdote em Roma, chegou ao Ceará em 1923. Foi professor e reitor do Seminário Provincial de Fortaleza (Seminário da Prainha), ali permanecendo até 1950.

Aos 55 anos, já com a saúde abalada, chegou ao Antônio Bezerra para o que achava que seria seu repouso merecido. Mas, homem inquieto e realizador, começou a construção da Escola Apostólica e se pôs a realizar um apostolado vigoroso e frutífero. Criou grupos de oração e obras, estimulou a instalação de instituições caritativas, como a Associação de Amparo aos Pobres, de que escreveu os estatutos já no leito de morte.

Padre Cabral faleceu na Santa Casa de Misericórdia, em 1961.

Uma das ruas mais conhecidas de Antônio Bezerra é a Rua Anário Braga.

Homenageia um engenheiro nascido em Itapipoca, em 1872, e formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Trabalhou nas estradas de ferro Fortaleza-Baturité, Fortaleza-Sobral e nos seringais da Amazônia.

Parente do Monsenhor Tabosa Braga (nome de avenida em Fortaleza) e de Anastácio Braga (herói itapipoquense, nome da avenida principal da cidade), voltando

ao Ceará construiu barragens com características modernas e trabalhou nas obras iniciais do Açude Orós.

Anário Braga faleceu em Fortaleza, em 1922.

Outra artéria constantemente citada pelos cronistas do bairro é a Rua Professora Raimunda Adélia, porque tem como patrona uma pioneira da catequese e da educação de Antônio Bezerra.

Raimunda Adélia Pereira nasceu em Canindé, em 1899.

Chegou no ainda denominado Barro Vermelho em 1934, passando a dar aulas em sua própria residência. Depois foi convidada a ensinar no Grupo Escolar Joaquim Nogueira, no Círculo Operário e na Quadra Paroquial. Firmou-se no conceito da sociedade local como uma pessoa atenciosa e agradável, mestra paciente e generosa que a todos conquistava por sua personalidade acolhedora e cativante. Foi a catequista mais famosa do lugar. Nas festas da paróquia, coordenava a arrecadação de prendas para o leilão e organizava as quermesses. No Natal, fazia uma distribuição de presentes para as crianças pobres.

Faleceu em 1968, admirada e reconhecida por todos. E hoje, com muita justiça, está imortalizada em nome de uma das ruas do bairro.

Já a Praça Moreira Leitão, localizada entre a Rua Martins Neto e a Avenida Mister Hull, homenageia um líder sindical. Foi criada em 1980 na gestão do prefeito Lúcio Alcântara.

José Moreira Leitão nasceu em Paracuru, em 1923.

Filho de pai comerciante e mãe artesã, ficou na terra natal até a adolescência, ali se alfabetizando e fazendo os primeiros estudos.

Aos 17 anos veio para a capital e começou a trabalhar como comerciário. Em 1946 foi trabalhar numa indústria de curtimento de couros e, tempos depois, ingressava no Movimento Sindical. Logo ganhou a confiança dos companheiros, revelando-se um atuante líder.

A partir da segunda metade dos anos 60 do século passado, chegou ao posto máximo de sua carreira sindical, assumindo por oito anos a presidência da Federação dos Trabalhadores das Indústrias do Estado do Ceará. Também foi Juiz Classista e Assessor Sindical Geral Norte e Nordeste da Federação Nacional dos Trabalhadores das Indústrias.

Morador do bairro Antônio Bezerra, faleceu em 1976, sendo sepultado no cemitério local.

Antigamente a denominação dos logradouros, ruas, praças e lugares decorriam de incidentes, episódios pitorescos ou trágicos, apelidos de moradores e

circunstâncias diversas. Algumas ruas de Fortaleza, por exemplo, tinham nomes poéticos, como a Rua das Belas, a Rua da Palma, a Rua Formosa... Depois substituídas por nomes de políticos e heróis. Alguns até sem maior gabarito para merecer a homenagem.

Antônio Bezerra também não escapou das substituições. Muitos dos homenageados contribuíram para a história do bairro e bem merecem estar imortalizados nas placas de ruas, travessas, praças e becos.

Os mais velhos, porém, costumam a se acostumar com os novos nomes.

Por exemplo, o antigo Alto do Bode, que já virou outro bairro, ganhou o nome de Autran Nunes, homenagem a um importante jurista cearense. Tudo bem.

Mas que saudade, lamentam os octogenários, do tempo em que tudo era mais familiar e o nome das artérias ajudava a indicar os endereços. Era mais gostoso de dizer que se morava ou ia para o Beco da Cachoeirinha (Evandro Luz), para o Beco da Estação (Rua Manoel Nunes), para o Beco da Delegacia (Rua Hugo Victor) ou para o Beco do Cemitério (Rua Dr. Vale Costa)!

OS SONHOS E FANTASIAS DE UM GRUPO DE ADOLESCENTES

A segunda metade dos anos 1960 foi marcada por inovações e rebeldias. As mudanças, já anunciadas desde a década anterior, ganharam uma espantosa aceleração a partir de 1965.

No Brasil, na época vivendo os rigores do Regime Militar, havia nas escolas e nas universidades um engajamento político de oposição, quando muitos jovens se envolveram em afoitas manifestações de protestos, pichamento de ruas, passeatas e até movimento de guerrilha. A chamada Guerra de Araguaia, localizada na floresta amazônica, está tragicamente registrada na História do país. Vários militantes foram presos e até mortos pela ditadura. A maioria, jovens estudantes sonhadores.

Indiferente à militância política e ao turbilhão das ruas, um grupo de rapazes do Antônio Bezerra, liderados pelo adolescente Deusmar Queirós, procurava simplesmente viver os encantos da idade sem maiores temeridades. Não eram ativistas políticos nem artistas

da música popular. Queriam apenas ajudar, com sua energia e juventude, o lugar onde viviam, ao seu modo e no que pudessem. Mal sabiam que também estavam fazendo a história.

Cultivando o perfil de bons moços, frequentavam a igreja do bairro, cujo orago era a Sagrada Família (Jesus, Maria e José), filiando-se a um movimento de formação cristã, o CMC (Centro da Mocidade Católica), sob a orientação do padre João Pessoa de Carvalho, o vigário.

Todos pensavam em fazer faculdade, conseguir emprego, constituir família, enfim, caminhar sem muitos riscos pelas sendas mais comportadas da vida. Sem abdicar dos programas de divertimento típicos da idade e da época, dançavam, jogavam, faziam piqueniques, viajavam.

Frequentavam principalmente o Menfis Clube, na Rua Martins Neto, e o Clube de Regatas, na Barra do Ceará, além das famosas tertúlias, aconchegantes reuniões dançantes em casas de amigos.

Uma vez ou outra iam ao Caiçara Clube, que ficava fora do bairro. Ali, certa vez, aconteceu incidente desagradável, quando, por brincadeira, puxaram um dos rapazes para dentro da piscina que, nessa noite, envergava paletó novo, do selo CLUB-UM, uma grife *prêt-à-porter* muito em voga na época.

O pai de um deles tinha um caminhão. Nos dias de festa no Regatas, subiam todos na carroceria, metidos em seus paletós, mas mandavam parar o velho Ford nas proximidades do clube, por pura vergonha de descer enfatiotados de um veículo utilitário que durante a semana transportava gado e ração para animais. Precisavam fingir-se de bacanas para os “brotos”, como eram denominadas as meninas em flor.

No Patronato da Sagrada Família, dirigido pelas irmãs de Caridade, aconteciam apresentações teatrais e os jovens do CMC participavam dos apreciados “dramas” encenados pela irmã Suzana. Alguns desempenhavam com muita aplicação o seu papel nessas peças amadoras. Contemporâneos acham que poderiam ter desenvolvido o dom, feito carreira como artistas de teatro, cinema ou televisão, mas eles não se entusiasmaram por aquele tipo de atividade, encarado como simples passatempo. Preferiam estudar e fazer faculdade, encaminhando-se para atividades mais pragmáticas e de retorno garantido. Aquele grupo de adolescentes de Antônio Bezerra não gerou profissionais das artes cênicas.

Jogar bola era um fator de união, e as peladas, frequentes e espontâneas, um dos pretextos para estreitar os laços de camaradagem, fortalecer a convivência sadia e o bom companheirismo.

No futebol, como sempre acontece, o dono da bola era sempre o primeiro escalado do time.

Indo além das façanhas nos campos, o mesmo Deusmar, filho de seu Lisboa, da Merceria Santo Antônio, invadiu as esferas da interação social, criando o BOLA 5. Seria um grupo especial de amigos, mais íntimo, mais fiel, mais fervoroso, todos unidos por um pacto de solidariedade absoluta, um juramento de amizade perpétua e confiança vitalícia.

Inicialmente os integrantes eram Deusmar Queirós, Jackson Ari Moreira, Irapuã Braga Venâncio (o Negão), Rogério Teixeira Cunha e João Barbosa Pinheiro Sobrinho (o Bão).

A amizade entre eles chamava a atenção do bairro, ao ponto de serem apontados como exemplo. Eram rapazes estudiosos, educados, bem-humorados... uns boas-praças. O sucesso, inclusive com as meninas, chegava a despertar um certo clima de inveja entre os outros jovens.

Muitos se insinuavam para pertencer àquela patota que parecia se dar tão bem e praticar as alegrias da vida. Depois de algum tempo, dois novos participantes foram admitidos: Osvaldo Coelho da Fonseca Filho e Plínio de Castro Bravo. Agora era o BOLA 7.

O grupo costumava se reunir na casa de Jackson, com a cobertura de dona Juraci, sua mãe, que tinha o maior prazer em receber os amigos de seu filho. Ali, além da merenda garantida, desenvolviam diversas atividades, como o carteadado, sem aposta de dinheiro, e o jogo da

riscadinha. A riscadinha era uma disputa que envolvia raciocínio e sorte, baseada numa série de números que eram paulatinamente eliminados. Quem riscasse o último seria o ganhador. O João Pinheiro, extremamente supersticioso, associava o seu sucesso ou azar no jogo com a roupa que vestia: quando achava que a camisa estava derrubando a sua sorte, a tirava fora. Um dia quase ficava nu, porque supôs que toda a roupa estava lhe passando infortúnio.

Uma coisa, entretanto, era sagrada naquele encontro de amigos: a hora do estudo. Foi criado um regulamento draconiano. Era expressamente proibido conversar na hora do estudo e quem o fizesse pagava uma multa, em dinheiro. Os infratores terminavam se endividando, porque não havia perdão. E o que fosse arrecadado iria para a tesouraria do BOLA 7.

A turma do BOLA 7 tinha projetos afoitos, geralmente gerados na mente ousada de Deusmar, que já costumava sonhar grande. Um desses planos foi cuidadosamente construído e teve investimento. Os meninos decidiram nada menos do que viajar para a Alemanha para assistir à Copa do Mundo de 1974.

Começaram a economizar o minguado dinheiro que cada um obtinha no dia a dia, com sacrifício das festas e programas de fim de semana. Os recursos eram conjuntamente aplicados numa financeira, a APLITEC.

Foram quatro anos de ingentes esforços e naturais privações em prol do projeto grandioso, tema preferido de todas as conversas: uma viagem para a Europa para ver a Seleção Brasileira de Futebol atuar, a travessia sobre o Atlântico, a alegria de pisar sobre o Velho Continente, a realização, enfim, de uma fascinante utopia adolescente.

Aquele, realmente, poderia parecer um programa pretencioso demais para rapazolas do subúrbio de Fortaleza, mas não para o BOLA 7. Eles iriam, sim, inserir em suas histórias aquela incrível aventura humana.

Muitos admiravam a tenacidade daqueles sete jovens privando-se de tudo o que parecesse supérfluo ou que apenas não fosse indispensável. Era a política do gasto absolutamente essencial, uma postura certamente incompatível com o natural comportamento perdulário da juventude.

Entretanto, o destino conspirou feio contra os planos do grupo. A financeira em que haviam aplicado o suado dinheirinho faliu, levando para o brejo o belo sonho dos rapazes de Antônio Bezerra.

Outra aventura memorável do grupo foi a do acampamento na serra. Deveriam subir a Serra de Maranguape e ali acampar por três dias, enfrentando todas as dificuldades da natureza: frio, insetos, chuvas e o perigo circunstancial das cobras. Uma afoiteza de arrepiar. A

Serra de Maranguape fica a 27 quilômetros de Fortaleza e tem como ponto culminante o Pico da Rajada, um rochedo de 920 metros de altitude. Cortada de córregos que serpenteiam entre árvores majestosas, tem clima ameno e vegetação exuberante. Da montanha se descortina o vale, oferecendo uma paisagem encantadora. Nas noites enluaradas, os seresteiros costumam subir para os sítios e, dos terreiros, ficam a contemplar o céu esplêndido, cantando e tocando as mais belas canções, num exercício de pleno romantismo. Em entrevista à revista *Cigarra*, em 1936, Catulo da Paixão Cearense declarou que produziu sua mais famosa composição, o célebre “Luar do Sertão”, numa dessas noites de lirismo na Serra de Maranguape, quando ali esteve para curar-se de males do peito.

A escalada da serra seria o grande desafio para o BOLA 7, mas nem todos toparam. Temendo os perigos e as surpresas da floresta, quatro declinaram. Somente o Osvaldo Coelho e o Jackson Moreira se mostraram suficientemente destemidos para acompanhar o escoiteiro Deusmar. Conseguiram a adesão de um amigo fora do BOLA 7, Ubiracélio, que, tempos depois, viria a ser cunhado de Deusmar. João Barbosa foi franco: não iria acampar no meio do mato de jeito nenhum, e muito menos dormir ao relento, porque tinha medo de cobras e de almas penadas.

Partiram pela madrugada com suas mochilas e demais apetrechos de sobrevivência e, depois de extenuante caminhada, chegaram ao destino. Escolheram um lugar aprazível e armaram a lona, tratando o Deusmar, como vinha fazendo desde o início, de anotar todas as descobertas (aspectos geográficos, piros de coruja, canto de grilos, ventos sibilantes e outros ruídos não identificados), para posterior relato aos outros membros do grupo.

Um incidente, porém, iria perturbar aquela que se anunciava como uma prosaica noite bandeirante. No lugar onde Deusmar escolheu para se acomodar, havia uma caixa de marimbondos, e um deles o picou.

O marimbondo é uma espécie de vespa bem maior do que as abelhas e, como elas, portador de um ferrão que inocula veneno. Sua picada produz dor intensa e imediata inflamação com edema avermelhado, além de sudorese, febre, tremores e náuseas. Se as ferroadas forem muitas, podem acarretar um quadro de broncoespasmo, sobretudo nos alérgicos que, sem atendimento adequado, chegam à inconsciência e até mesmo à morte por asfixia. Apesar de atingido possivelmente por apenas um daqueles insetos vespídeos, Deusmar teve uma reação violenta. O local inchou muito e uma febre foi se graduando rapidamente. Dali a pouco estava com ânsia de vômito e, em seguida, passou a delirar. Não dizia coisa com coisa e isto pôs em pânico os outros

três companheiros, que não sabiam o que fazer. Descer a serra, à noite, carregando o atlético Deusmar, seria impossível e, para completar o quadro de dificuldades, começou a chover. Agasalharam o doente com panos e folhas, fizeram um chá de ervas colhidas ali mesmo e ficaram de vigília a noite inteira, rezando e fazendo promessas. Pela manhã tudo estava superado, graças ao Deus dos aflitos. A febre havia cessado e o acidentado retomara sua disposição. Passado o susto, Osvaldo, Jackson e o outro foram novamente surpreendidos: o comandante não quis abortar a empreitada. Haviam combinado três dias? Pois seria de três dias mesmo a duração do acampamento. E ficaram na montanha.

No movimento de igreja, os jovens líderes de Antônio Bezerra organizavam campeonatos de futebol e vôlei, e participavam ativamente da festa de Jesus, Maria e José, o conjunto de padroeiros, ajudando na procura de patrocínios para os eventos do CMC. Ninguém os igualava no empenho de arrecadação de prendas, organização das quermesses e instalação dos leilões da paróquia. Tinham a confiança do vigário, a boa vontade, a disposição e o dinamismo adequados para aquele trabalho comunitário.

Companheiros prestativos e solidários, os jovens do BOLA 7 eram os amigos que todos queriam ter. Bem-vindos a todas as rodas, circulavam sua simpatia e vibração pelos outros grupos sociais do bairro, de modo geral e ecumênico.

LIDERANÇAS POLÍTICAS

Nos anos 70 do século passado, o bairro de Antônio Bezerra tinha duas lideranças populares, exercidas pelos vereadores Antonio Costa Filho, conhecido como Antoni Costa, e Gerônimo Bezerra da Silva, o Bezerrinha.

Antoni, que nascera em Fortaleza em 1917, descendia, pelo lado materno, do célebre João Brígido, o mais famoso jornalista cearense de todos os tempos, fundador de *O Unitário*, atalaia de grandes arengas políticas e órgão de oposição a todos os governos.

Aluno do Colégio Militar, tornou-se Antoni Costa, depois, aviador e instrutor de aviação, com curso de aperfeiçoamento nos Estados Unidos.

Durante a Segunda Guerra Mundial, compôs a Força Auxiliar da FEB (Força Expedicionária Brasileira), patrulhando a costa cearense e piauiense. Foi jornalista e funcionário público federal.

Elegeu-se vereador de Fortaleza em 1958 para a legislatura 1959-1963. Após este primeiro mandato, somente voltaria ao Parlamento Municipal pela eleição de 1970, para o biênio 1971-1972. Reeleito em 1972, chegou à Presidência da Casa do Povo e, nessa condição, assumiu a Prefeitura da Capital em dez ocasiões.

Em 1974, elegeu-se para um único mandato de Deputado Estadual.

Presidiu o Círculo dos Trabalhadores Cristãos de Antônio Bezerra e foi um dos fundadores do Clube de Regatas Barra do Ceará, sendo também seu primeiro presidente.

Seu concorrente, Gerônimo Bezerra, nascera em Russas, em 1921, mas transferiu-se ainda muito jovem para Fortaleza, onde concluiu o curso de Técnico em Contabilidade. Na juventude praticou o comércio, inclusive como feirante. Depois, obteve emprego público municipal, na função de Arrecadador Fiscal. Colecionador de amizades, logo foi descoberto como um líder espontâneo e de notável trato social. Convidado para gerir a Subprefeitura de Antônio Bezerra, em pouco tempo ganhou a simpatia da população e o incentivo para disputar a vereação pelo bairro, em 1966, quando conquistou seu primeiro mandato. Reeleito em 1970, 1972 e 1976, conseguiu, nesta última, a maior votação para um vereador de Fortaleza até então (10.578 votos). Em 1974, chegou à Presidência da Câmara Municipal de

Fortaleza, exercendo também, em situações de interinidade, a Prefeitura.

Em 1978, elegeu-se Deputado Estadual, repetindo o feito de seu concorrente político do bairro.

O fato de contar com dois representantes na Câmara Municipal de Fortaleza comprovava a grande densidade demográfica alcançada pelo bairro, além de garantir junto ao Executivo Municipal a implantação dos melhoramentos urbanos e o atendimento às reivindicações da população. A disputa entre as lideranças políticas era, portanto, muito salutar.

E quando Antoni Costa e Gerônimo Bezerra escalaram posição mais elevada na hierarquia política, elegendose para a Assembleia Legislativa, procuraram indicar os descendentes para ocupar suas cadeiras no Legislativo Municipal. Assim, Antoni foi substituído por seu filho Sérgio Costa, e Gerônimo por seu filho José Maria Couto, ambos advogados.

Os rapazes do BOLA 7 não estavam diretamente envolvidos com a política partidária. Por amizade com os filhos dos políticos, chegavam a participar das festividades das campanhas, mas sem estardalhaço ou maior engajamento.

Sérgio Costa, filho de Antoni, formou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro e cursou Relações Públicas na Fundação Getúlio

Vargas. Amigo dos artistas e admirador da MPB (Música Popular Brasileira), entrosou-se com alguns expoentes do gênero, chegando a figurar como compositor de algumas canções.

Foi eleito vereador pela ARENA (Aliança Renovadora Nacional) no primeiro mandato e depois pelo seu sucedâneo, o PDS (Partido Democrático Social). Ocupou cargos na diretoria da Câmara Municipal, inclusive a Vice-Presidência. No final dos anos 1980, abandonou a política e passou a empreender na educação universitária, dirigindo faculdades particulares.

José Maria Couto Bezerra, filho de Gerônimo Bezerra, nasceu em Russas, em 1946, mas transferiu-se ainda menino, com a sua família, para Fortaleza. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará. Foi funcionário do DNER (Departamento Nacional de Estradas e Rodagens), e Superintendente da SUDEF (Superintendência de Desenvolvimento dos Desportos de Fortaleza).

Candidatou-se pela primeira vez à Câmara Municipal de Fortaleza, em 1982, e obteve êxito. Em sua vitoriosa carreira política representando o bairro de Antônio Bezerra, pelos partidos PDS, PFL (Partido da Frente Liberal) e PSDB (Partido da Social Democracia Brasileiro), conseguiu se eleger cinco vezes, chegando à Presidência da casa em três ocasiões. Empresário da suinocultura, afastou-se da atividade política, mas foi sucedido por

seu irmão Helder Couto e, desde 2021, por seu filho Leonardo, conhecido como Leo Couto, do PSB (Partido Socialista Brasileiro).

Em 1988, um daqueles participantes do famoso BOLA 7, o grupo de adolescentes dos anos 1970, João Barbosa Pinheiro Sobrinho, o João Pinheiro, conseguiu se eleger pela legenda do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro). Obteve ainda um segundo mandato, mas terminou desistindo da política em favor da atividade empresarial, onde vem obtendo grande sucesso como presidente de empresas de prestação de serviços.

Outros líderes de Antônio Bezerra tiveram passagem ligeira pela edilidade de Fortaleza, conseguindo mandatos, dentre eles estão Edgar Mendes Filho, o Didi do Frifort (Frigorífico Industrial de Fortaleza), e Francisco Moreira Leitão, cujo pai, José Moreira Leitão, dá nome a uma das praças do bairro.

Houve um certo hiato de expressão política no bairro até a emergência de um novo líder, capaz de conseguir novamente um lugar na Câmara Municipal. Esse novo representante seria Adail Júnior, filho do município de Saboeiro, mas habitante de Antônio Bezerra há muito tempo.

Adail Fernandes Vieira Júnior, ainda muito jovem, tornou-se pequeno comerciante e, sendo portador de uma personalidade agregadora, fez muitas amizades no bairro.

Havia espaço para uma candidatura a vereador, pois Antônio Bezerra sempre tivera seu representante na Câmara Municipal. Adail Júnior, atendendo ao apelo da população, candidatou-se em 2008, conseguindo se eleger pela primeira vez. Reunindo em torno de seu nome remanescentes dos dois grupos políticos tradicionais do bairro, vem obtendo seguidas reeleições, e com votação crescente. Inicialmente filiado ao PV (Partido Verde), passou no preito seguinte para o PDT (Partido Democrático Trabalhista), onde permaneceu. Na Câmara Municipal, ocupou a Vice-Presidência em três biênios e figura como uma das mais destacadas lideranças. Está agora em seu quarto mandato.

JORNALISMO, HISTÓRIA E LITERATURA

Tendo o nome de um dos maiores escritores e jornalistas do Ceará, o bairro de Antônio Bezerra parecia não demonstrar interesse maior por essas duas profissões e manifestações da cultura. Os habitantes estavam ocupados com seus afazeres típicos da periferia da capital, tais como os bares e mercearias, empregos públicos e ofícios como os de pedreiros, carpinteiros, bombeiros e o magistério de ensino fundamental e médio. Certamente havia poetas e cronistas, mas laboravam isoladamente, na surdina, sem coordenação ou instituição constituída.

Em 2005, um jovem e entusiasta jornalista, o Inácio Rocha, foi tocado pela inspiração de estudar seu bairro, saber de sua história e, de alguma maneira, difundi-la para os demais moradores. Ele conta que o “estalo de Vieira” ocorreu quando sua filha de oito anos quis saber quem era Mister Hull, denominação de uma avenida do lugar. Foi pesquisar e se assenhorou de todas as

informações sobre o inglês Francis Reginald Hull, que, como engenheiro, tem seu nome ligado à instalação da primeira ferrovia do Ceará, além de estudar a típica estiagem do semiárido.

Inquieto, Inácio resolveu compartilhar esta e outras informações sobre o bairro, pois tem ligação remota com esta banda da cidade, desde sua avó, que, segundo ele, nasceu no antigo Barro Vermelho, em 1907.

A primeira ideia, logo mais transformada em ação, foi utilizar os atuais instrumentos de comunicação para criar, em 2005, o site *Bairro Antônio Bezerra – BAB*, com o objetivo de transmitir informações sobre sua história e ocorrências atuais, veiculando também trabalhos literários, manifestações artísticas e as reivindicações, os interesses e as esperanças dos moradores. Um sonho monumental que virou realidade.

Ao anunciar seu propósito, o jornalista recebeu de pronto o apoio de sua família e logo começou a descobrir aqueles que formariam ao seu lado o elenco de colaboradores da publicação virtual. Timidamente apoiado, no início, pelo setor empresarial do bairro, o site foi rapidamente se conceituando e, então, vieram os patrocinadores, pois enxergaram com pragmatismo as possibilidades de retorno.

O interesse sobre as questões do bairro reacendeu nos habitantes o espírito nativista e a sociedade,

chamada a participar, acudiu ao chamamento, incorporando-se ao idealismo do fundador. Muitas descobertas foram feitas pelo site *Bairro Antônio Bezerra*. Vocações foram despertadas. Leitores e curiosos revelaram-se verdadeiros historiadores, interessados em pesquisar as origens e a evolução do bairro. Personagens que haviam se perdido na poeira do tempo foram ressuscitados e ganharam o espaço merecido na memória local.

Além disso, o veículo de comunicação descobriu e estimulou artistas, desde a música às artes plásticas, promovendo festivais e exposições.

Com dez anos de ativa movimentação, o site considerou a ideia de criar uma revista. O intuito, além de comemorar o décimo aniversário, era tornar permanente os relatos históricos e a expressão de pensamento dos articuladores através de uma ferramenta física. Inácio Rocha, sua esposa Viviane e sua filha Victória levaram o projeto em frente, escutando principalmente os otimistas e relegando a opinião dos que diziam que o tempo atual não aceita mais revistas e jornais impressos, pois a cibernética é o único caminho a ser tomado.

Fez muito bem o ousado jornalista quando decidiu manter a linguagem on-line ao lado da mensagem escrita da revista. E o tempo provou que estava certo: a revista *Bairro Antônio Bezerra* repetiu o sucesso do site.

Inácio relata:

A revista deveria ter um único número para comemorar os 10 anos do site. Entretanto, o sucesso foi de tal porte que hoje já está em sua 18ª edição. Temos um conteúdo aprovado pela comunidade e [contamos] com a participação de vários redatores locais.

Minha esposa Viviane faz a prospecção. Eu, ela e nossa filha Victória fazemos a diagramação. Quase todas as capas são minhas. As fotografias também. Quanto ao patrocínio, o interessante é que as próprias empresas ligam para participar da próxima edição. A revista é trimestral.

Eu sou filho daqui, nasci em Antônio Bezerra. Tenho atualmente [em 2022], 52 anos. Casei aqui, com uma garota que era coroinha na igreja. Começamos a namorar nas festas da paróquia. E continuamos a frequentar os ofícios e celebrações com ativa participação. Ela canta e eu toco teclado nas missas.

Nosso vigário, o padre Francisco de Assis Braga, também nasceu aqui, em família humilde. Era o porteiro do Seminário. Depois tornou-se seminarista e terminou se ordenando sacerdote. Tudo solução local.

Várias premiações foram dadas em reconhecimento pelo trabalho do site e da revista *Bairro Antônio Bezerra*, como o Prêmio SEFIN (Secretaria Municipal das Finanças) de Comunicação, pelo HEMOCE (Centro

de Hematologia e Hemoterapia do Ceará) e por outras instituições.

Regozijado pelo êxito de seu empreendimento, Inácio Rocha comemorava em 2022:

Muito me alegra os resultados obtidos pelo nosso projeto, que tem cunho social e cultural. Nesses 17 anos de atuação, debatemos as questões e os valores de nossa comunidade, nos aproximando mais e mais de nossa gente e daqueles que valorizam a vida na periferia, construindo uma rede salutar de contatos para o engrandecimento e elevação social de nosso bairro, bem como o conhecimento e valorização de nossa história.

Como reafirma o fundador do site e da revista, ele jamais conseguiria ter construído o conceito que desfruta e obtido o sucesso atual sem as parcerias, tanto dos patrocinadores quanto dos que empregam talento e disposição para publicar suas ideias e conhecimentos.

O elenco de autores é vasto e muito qualificado, alguns esporádicos e outros permanentes:

- Valentim Santos, professor, historiador e sociólogo.
- Onacélio Barbosa dos Santos, historiador.
- Juliana Cavalcante, psicóloga.
- Rossana Kopf, advogada e psicanalista.
- Pollyana Castro, professora.

- Benemara Gonçalves, professora e advogada.
- Juliana Cavalcante, psicóloga.
- Leonardo Nóbrega, professor.
- Afonso Andrade, professor.
- Isabel Alícia, arquiteta.
- Samara Mapurunga, diretora escolar.
- Régia Pereira, professora.
- Lúcio de Freitas, professor.
- Luciana Couto, pedagoga.
- Estevão Lima, professor.
- José Augusto, professor.
- Francisco Pessoa, jornalista
- Ana Cláudia Marques, professora.
- Karen Lopes, articulista do site.
- Mariana Ellis, articulista sobre hábitos saudáveis.

A resolução tomada pelo jornalista Inácio Rocha de criar um espaço cultural tem se revelado de uma importância magnífica e frutífera. São iniciativas desse porte que geram os pretextos benéficos para acionar a vocação gregária do ser humano e o exercício da cidadania.

EPÍLOGO

Para o leitor que me acompanhou nesta histórica viagem pelas ruas, praças, biografias e memórias do bairro de Antônio Bezerra, fica uma última palavra. A história é uma grande renda tecida por todos. Uma grande renda plural.

Não são apenas os heróis e os famosos que constroem uma comunidade. Uma sociedade é erigida pela multidão sem nome. Pelo povo anônimo que transita pelos becos e espaços do território que o destino lhe deu.

Cada geração é responsável pelo tempo em que transitou, vivenciando dores e alegrias, abismos e apoteoses.

E o modo como olhamos hoje o mundo e julgamos as atitudes humanas resultou do que aprendemos no decorrer de nossas vidas, não só imitando o procedimento ancestral, mas acrescentando a cada entardecer o que aprendemos em cada dia. E não existe nem um dia sem história.

Neste relato, vimos o nascimento de um núcleo urbano, etapa por etapa, desde os primeiros acampamentos de tropeiros à beira dos riachos e lagoas, até o grande aglomerado de casas e edifícios dos dias atuais, com a movimentação das pessoas no exercício de seus labores, aflições e esperanças.

Muitos pensam que todas as histórias são iguais e a formação de um bairro, vila ou cidade não tem diferenças que devam importar. Mas não é bem assim. Cada sociedade caminha dentro das circunstâncias especiais de sua formação, com suas características e idiossincrasias.

Pesquisando para escrever a história do bairro de Antônio Bezerra, verifiquei que os habitantes desta banda da cidade-capital conseguiram constituir uma sociedade orgulhosa de seu desempenho, de suas raízes e de sua história. É notável o zelo e a vaidade com que receberam a publicação de um site e de uma revista sobre o bairro. Todos participam e colaboram. Os cronistas escrevem, os professores e psicólogos relatam fatos e analisam comportamentos, os comerciantes patrocinam a iniciativa do jornalista que criou e dirige os dois veículos locais de comunicação, numa interessante manifestação nativista.

Por isso, eu os convido a conhecer a história deste bairro e de sua gente.

CRONOLOGIA

- Séc. XIX – Pioneiros iniciam a ocupação de Barro Vermelho, com a instalação de sítios e chácaras.
- 1915 – A antiga capelinha, construída pelo Dr. Theóphilo Rufino Bezerra de Menezes, foi derrubada para dar lugar à construção de uma outra, de alvenaria. A capela de Jesus, Maria e José seria inaugurada em 1918.
- 1917 – Construção da Estação Ferroviária.
- 1918 – Inauguração da Estação Ferroviária.
- 1921 – Desmembramento de Barro Vermelho da Comarca de Parangaba, passando a pertencer à de Fortaleza.
- 1925 – Instalação do Esquadrão de Cavalaria e Grupamento Escola Edgar Facó.
- 1925 – Fundação do Rio Branco Esporte Clube.
- 1932 – Agência Postal e Telegráfica.

- 1934 – Criação da Freguesia Jesus, Maria e José, elevando-se a capela à categoria de Igreja Matriz.
- 1935-1936 – Construção e inauguração do cemitério público.
- 1936 – Inauguração do Patronato da Sagrada Família.
- 1937 – Pela Lei nº 79, de 28 de julho, é criado o distrito de Antônio Bezerra, denominação que só se incorporaria aos costumes em 1965. Nesse ano de 1937, também se inaugura a luz elétrica.
- 1942 – Inauguração da Escola Apostólica São Vicente de Paulo.
- 1946 – Elevação da Freguesia de Jesus, Maria e José à paróquia.
- 1948 – Fundação do Grupo Escolar de Antônio Bezerra
- 1950 – Chegada dos primeiros telefones.
- 1951 – Inauguração da Praça Professor Serrano Bezerra.
- 1955 – Reconhecimento oficial da Feira Comercial.
- 1960 – Inauguração da Praça Padre Josefino Cabral.
- 1962 – Fundação da CIONE (Companhia Industrial de Óleos do Nordeste).

- 1965 – Fundação do Menfis Clube.
- Década de 1970 – Dois representantes de Antônio Bezerra, Antoni Costa e Gerôncio Bezerra, na condição de presidentes da Câmara Municipal, ocupam interinamente a Prefeitura de Fortaleza.
- 1980 – Fundação da Praça Moreira Leitão.
- 1996 – Jubileu da Paróquia de Jesus, Maria e José.
Vigário: Padre Luciano Furtado Sampaio.
- 2005 – Criação do site *Bairro Antônio Bezerra – BAB*.
- 2006 – Setuagésimo aniversário da paróquia.
Vigário: Padre Edmilson Mendes de Menezes.
- 2014 – Lançamento da revista *Bairro Antônio Bezerra – BAB*.
- 2020 – Fundação do Museu do Caju, instalado num setor da empresa CIONE.

Referências

ALENCAR, Edigar de. **Fortaleza de ontem e anteontem**. Fortaleza: Edições UFC, 1980.

ALBUQUERQUE, Mozart Soriano. **História abreviada de Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 1982.

AZEVEDO, Otacílio de. **Fortaleza descalça**. Fortaleza: Edições UFC, 1983.

AZEVEDO, Miguel Ângelo de (Nirez). **Cronologia ilustrada de Fortaleza: roteiro para um turismo histórico e cultural**. Fortaleza: Edição Banco do Nordeste do Brasil, 2001.

BEZERRA DE MENEZES, Antônio. Algumas origens do Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**, Tomo XV, Fortaleza, 1901.

BORZACCHIELLO DA SILVA, José. **Parangaba**. Coleção Pajeú. Fortaleza: PMF, 2013.

CAMPOS, Eduardo. **Capítulos da história de Fortaleza do século XIX**. Fortaleza: Edições UFC, 1985.

CASTRO, José Liberal de. **Fatores de localização e expansão da cidade de Fortaleza.** Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1977.

COLARES, Otacílio. **Crônicas da cidade de Fortaleza e do Siará Grande.** Fortaleza: Edições UFC, 1980.

GIRÃO, Blanchard. **Sessão das Quatro, cenas e atores de um tempo mais feliz.** Fortaleza: Editora ABC, 1998.

GIRÃO, Raimundo. **Geografia estética de Fortaleza.** Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1979.

GIRÃO, Raimundo. **Famílias de Fortaleza.** Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1975.

GIRÃO, Raimundo. **Princesa vestida de baile.** Fortaleza: Edição Instituto do Ceará, 1950.

LIMAVERDE, Narcélio. **Fortaleza, histórias e estórias.** Fortaleza: Editora ABC, 1999.

MENEZES, Raimundo de. **Coisas que o tempo levou.** Fortaleza: Edesio Editor, 1938.

NOBRE, Geraldo e Stênio Azevedo. **Momentos inesquecíveis.** Fortaleza: Editora ABC, 1999.

NOGUEIRA, João. **Fortaleza Velha.** Fortaleza: Edições UFC, 1984.

Jornais (várias edições):

O POVO

Diário do Nordeste

Tribuna do Ceará

O Estado

Site Wikipédia

https://pt.wikipedia.org/wiki/Antônio_Bezerra

Site da Revista BAB – Bairro Antonio Bezerra

Jornalista responsável: Inácio Rocha

<https://bairroantoniobezerra.com.br/>

Este livro foi impresso em Fortaleza (CE),
no outono de 2023.

A fonte usada no miolo é Gandhi Serif, corpo 10/13,4.

O papel do miolo é pólen 90g/m²,
e o da capa é cartão supremo 250g/m².

www.terradaluzeditorial.com.br



*Praça Principal do Barro Vermelho,
antiga denominação de Antônio
Bezerra, vendo-se o chafariz e a Matriz.*





Juarez Leitão, nasceu em Novo Oriente, no oeste do Ceará.

Bacharel em História e Filosofia, exerceu o magistério em Fortaleza, por mais de quarenta anos.

Ensaísta, historiador, poeta, orador e conferencista, pertence à Academia Cearense de Letras e ao Instituto do Ceará, as duas instituições culturais mais antigas do estado Ceará.

Nos últimos vinte anos, tem se dedicado a escrever biografias de figuras notáveis da História Cearense.

Foi membro do Conselho de Cultura de seu Estado, Vereador de Fortaleza e Suplente de Senador da República.

Publicou mais de quarenta obras de biografia, poesia, história e crônica de costumes, tendo recebido o apoio da crítica e do público dos leitores.

Seu conceito como poeta e historiador fez com que fosse incluído em antologias e coletâneas. Figura como verbete de dicionários e histórias da literatura cearense e brasileira.



Fortaleza
PREFEITURA

Cultura



9 786586 517316